

MARTIUS E A AMAZÔNIA

Pedro L. B. Lisboa¹

Pará. Como me sinto feliz aqui, como chego a compreender a fundo muito daquilo que até agora era inacessível. Magníficas brilham as estrelas, e o rio resplandece com o reflexo da lua poente.

K. F. P. von Martius, 16.08.1819.

Muito tem sido publicado sobre a vida de Karl Friedrich Philip von Martius no Brasil. Livros, artigos e folhetos foram escritos para homenagear a passagem do cientista bávaro pelo país. Estas páginas visam também prestar uma homenagem ao *pai das palmeiras*, em comemoração ao bi-centenário do seu nascimento e à impressionante contribuição que deu à ciência brasileira.

Uma boa parte da excursão de Martius ao Brasil, entre os anos de 1817 e 1820, ocorreu na Amazônia brasileira. Suas impressões sobre a região estão registradas no célebre *Viagem pelo Brasil*, que ele publicou junto com o zoólogo Johann Baptist Spix. Este diário fornece um primoroso quadro dos costumes da época nas cidades onde passou o botânico, além das anotações preciosas sobre a flora, a fauna, a vida indígena e o ambiente físico da região.

Graças ao obscurantismo da Idade Média, Martius nasceu na Bavária. Galeotus Martius, um ilustre ancestral seu, de origem italiana, foi perseguido pela Inquisição porque comungava de idéias reformistas contra o aristotelismo, expressadas no tratado *De incognitis vulgo*, elaborado por volta de 1480, mas que jamais seria publicado. Condenado pela intolerância da Igreja, refugiou-se na corte húngara, neste mesmo ano, sob a proteção do rei Matias Corvino. Trezentos e quatorze anos depois, em 17 de abril de 1794, nasceu o seu descendente Karl Friedrich Philip von Martius, em Erlangen, filho da união do farmacêutico Ernst Martius com sua prima Regina. Suas raízes mais próximas já indicavam a sua inclinação para a Botânica. Seu tio-avô, Henrique Martius, produziu a Flora de Moscou e seu pai foi um dos fundadores da Sociedade Botânica de Ratisbona.

Aos 16 anos quando ingressou na Faculdade de Medicina, já demonstrava interesse pela Botânica. Aprendeu as primeiras lições práticas dessa ciência com um

¹ Museu Paraense Emílio Goeldi, Departamento de Botânica, Caixa Postal 399, CEP 66.017-970, Belém, Pará.



jardineiro da Universidade "Fredericus Alexander". A opção definitiva pela Botânica viria em 1812, por influência da visita do diretor do Jardim Botânico de Munique, Francisco Schrenk e do zoólogo Johann Spix a Erlangen. Com este último mais tarde empreenderia a sua longa viagem pelo Brasil. Dois anos depois obteve o grau de doutor com o trabalho *Plantarum Horti Academici Erlangensis Enumeratio*. Desde então cresceu o interesse de Martius pela identificação das plantas, sendo sua competência reconhecida até pelo próprio rei da Baviera, Maximilian Joseph I. O monarca, que também se interessava por plantas, era sempre ciceroniado por Martius nas suas frequentes visitas ao Jardim Botânico de Erlangen.

A vinda de Martius ao Brasil deveu-se a uma coincidência de interesses dos reinos de Portugal, Áustria e Alemanha. O príncipe Regente de Portugal, D. João VI, em 1816, mantinha um tenso relacionamento com alguns reinados europeus. Visando melhorar as relações diplomáticas, a Coroa portuguesa almejava realizar um evento que superasse essas dificuldades. O ideal seria o arranjo matrimonial do príncipe D. Pedro de Alcântara com alguém das monarquias européias. A escolhida foi a Arquiduquesa da Áustria, Dona Leopoldina Carolina Josepha, filha do imperador Francisco I, que aprovou o casamento. Leopoldina, de cultura refinada, admirava as ciências e as artes. Sabendo que viria viver no Brasil, logo manifestou o desejo de incluir na sua comitiva artistas e cientistas, que pudessem contribuir para revelar os segredos da natureza do seu novo país.

A inclusão de Spix e Martius na comitiva ocorreu pelo interesse que o rei da Baviera, Maximilian Joseph, havia manifestado junto à Academia de Ciências de Munique, de realizar uma expedição exploratória às terras da América. O monarca estava convencido da importância que a expedição teria para as ciências e para a humanidade e sua presença nas cerimônias de Viena culminou com a cooperação entre os dois países. O rei da Baviera indicou os dois naturalistas para integrarem a comitiva da Arquiduquesa.

No dia 15 de junho de 1817, Martius e Spix desembarcaram no Rio de Janeiro, para iniciar os três anos de viagem pelos sertões brasileiros. No Rio foram acompanhados em expedições pelo Barão Langsdorff, também um interessado em História Natural e que, mais tarde, faria a sua própria viagem pelo interior do Brasil. Martius homenageou o barão criando o gênero *Langsdorffia*, para uma orquídea por ele denominada *Langsdorffia hypogeia* Mart.

Depois de excursionarem pelo interior do Rio, São Paulo, Minas e outros locais, Martius e Spix chegaram a Santa Maria de Belém do Grão Pará, onde foram recebidos pelo Governador Geral, Antônio José de Souza Manoel de Menezes, o Conde de Vila Flôr, que havia assumido pouco antes o governo da Província. Foram instalados em uma aconchegante rocinha, nos arredores da cidade.

O Pará, à época da visita de Martius, contava com 37 municípios e uma população de 79.730 pessoas, das quais 24.500 se concentravam em Santa Maria de Belém do Grão Pará. A capital impressionou Martius pela sua excelente localização geográfica, pela presença marcante de uma alta burguesia européia pura e pelo



aspecto salubre que encontrou. Belém tinha edificações de bom aspecto, casas residenciais de dois andares, ruas calçadas, arborizadas e um comércio florescente com muitos negociantes ingleses e franceses mantendo representações comerciais das matrizes européias. Artur César Ferreira Reis, historiador, fala com entusiasmo da feição que Belém tomou até o final daquele século: *Belém, assim foi se destacando das demais cidades capitais do Norte. Em 1833, habitavam-na 12.467 pessoas que moravam em 1.935 casas; em 1885 esses algarismos estavam modificados para 70.000. O Teatro da Paz, a Catedral, com os painéis de De Angelis e os mármores de Luca Carimini, e o Museu Paraense davam-lhe já antes de findar o século, títulos que nenhuma outra cidade do Império possuía.* O Teatro da Paz, que teve seu início ainda na administração do Conde de Vila Flor, foi construído com base em um projeto do arquiteto José Landi.

Apesar de achar a cidade sadia, Martius relatou que além de verminoses, as viroses exantemáticas como o sarampo, a escarlatina e a bexiga (varíola) infestavam Belém e o interior. A bexiga grassava no Pará sob a forma de uma epidemia, matando de 30 a 40 pessoas diariamente. Antônio Baena, no *Compêndio das Eras da Província do Pará* comenta que a epidemia se dava por desleixo dos empregados da saúde. Os mais afetados eram os índios. Os médicos sentiam-se desorientados, porque as fumigações com gás oximuriático não impediam o avanço do mal. O Governador da Província chegou a empenhar o seu próprio soldo no combate à doença, repassando-o à Confraria da Santa Casa de Misericórdia, que recebia os devastados pelo flagelo da doença. A dependência completa de decisão da Corte do Rio de Janeiro não conferia autoridade ao Governador para doar os oitocentos mil réis que a Santa Casa solicitava para enfrentar o mal. Fato curioso é que no *Compêndio...*, Baena refere-se aos naturalistas dizendo: *Apresentam-se dois tenentes coronéis, Martius e João Spix, pensionários do rei da Baviera, com a permissão da Corte do Rio de Janeiro para fazerem excursões botânicas.*

Martius teve a sua atenção chamada pela marcante presença de índios na vida da cidade, porém se surpreendeu com a falta de ambição destes que preferiam *ficar desocupados, tomar cachaca e satisfazer com mulheres*. Passeando pelos arredores da rocinha localizou um exemplar de seringueira (*Hevea brasiliensis* Muell. Arg.). Mesmo já sendo explorada localmente, a espécie não tinha maior aproveitamento econômico na primeira metade do século XVIII. No *Viagem pelo Brasil*, os naturalistas descrevem o processo de coleta e tratamento da borracha, registrando sua utilização na confecção de capas e agasalhos, usadas inclusive por ele e Spix nas suas viagens pela Amazônia. Os índios a usavam para confeccionar cachimbos e objetos de diversão.

Um dos fatos pitorescos da passagem de Martius pela Amazônia, ocorreu quando o botânico perdeu-se na chamada ilha das Onças, próxima à Belém. Enquanto preparavam-se para o deslocamento mais prolongado ao interior da Amazônia, Martius e Spix, impacientes por conhecer a floresta, amenizavam a espera fazendo pequenas excursões pelos arredores da cidade. Numa delas, para a ilha das Onças,



à qual Martius refere-se dizendo que *nenhuma espécie de terra é melhor apropriada para demonstrar ao viajante o espetáculo da primitiva criação do mundo que surgia das águas onipotentes*, o cientista perdeu-se. Empolgado com o cenário da vegetação da várzea, rica em palmeiras e aráceas, e com as flores sendo visitadas por borboletas, libélulas e colibris, o botânico embrenhou-se mata a dentro. Quando um bando de frangos d'água passou em direção a um alagado, Martius seguiu as aves sem preocupar-se com a orientação e com o anoitecer. Percebendo que estava sem orientação, tentou regressar, mas estava perdido na floresta. Todo o deslumbramento que sentira momentos antes desapareceu, tomado pelo pânico e por um sentimento de impotência. Aterrorizado, caminhava sem os devidos cuidados, ferindo-se contra palmeiras espinhosas e atolando-se em locais lamacentos. Tentando manter a calma o naturalista concluiu que naquela situação, era improvável que encontrasse o caminho de volta. O melhor a fazer era permanecer quieto e improvisar um "SOS" com a lata de herborizar. Sem armas para defender-se de animais ferozes (o nome da ilha se devia à abundância de onças no passado), Martius subiu em uma palmeira. Mais calmo, imaginou que a sua demora em regressar seria percebida por seu companheiro de andanças no Brasil. Não tardou para que o naturalista percebesse disparos de espingardas. Logo vislumbrou na escuridão da mata luzes errantes se aproximando do local onde estava, empunhadas por dois índios de um engenho local, que o foram procurar a mando de Spix.

A 21 de agosto, os dois naturalistas deixaram o conforto da rocinha para a sua longa viagem de oito meses pelo interior da Amazônia. Alcançaram a foz do rio Guamá, entrando no Moju, navegando até à localidade de Jacuari onde permaneceram até o dia 26 de agosto. Por um canal que liga o Moju ao Tocantins chegaram a este, navegando em seguida para o sul da ilha do Marajó, quando perceberam que o piloto da embarcação mostrava sinais de haver contraído varíola. Para evitar pânico a bordo, os naturalistas mantiveram segredo sobre o mal, deixando o piloto em Breves, aos cuidados do juiz local, onde morreria algum tempo depois. Breves, hoje a maior cidade marajoara, àquela época era uma aldeia com 40 palhoças feitas com a palmeira ubussu (*Manicaria saccifera* Gaertn. & Martius), em geral só com um teto.

À meia noite de 3 de setembro deixaram Breves com destino ao rio Amazonas. Martius reclamava das nuvens de carapanãs, verdadeiros *demônios* no seu entender, que não davam sossego, nem sob a proteção dos mosquiteiros. No Baixo Amazonas, em 12 de setembro, descobriu uma paisagem diferente, formada pelas montanhas que se estendem entre Almeirim e Monte Alegre.

Curiosos, os naturalistas tinham o cuidado de registrar todas as lendas que ouviam durante a viagem. Uma delas, bem conhecida de todos da região, era sobre uma cobra d'água do tamanho de um tronco flutuante, que um remador da sua canoa afirmava ter visto. A cobra teria engolido o irmão do remador quando este passeava com a noiva pelas margens do rio.



Na manhã de 18 de setembro os cientistas bávaros chegaram à foz do Tapajós, até alcançarem Santarém por volta de meio-dia. Em 28 de setembro estavam de volta ao Amazonas por onde seguiram até o Estreito de Óbidos com destino a Manaus, naquela época chamada Fortaleza da Barra, capital da Província do Rio Negro. No trajeto as embarcações dos naturalistas foram interceptadas antes de chegar a Parintins (Vila Nova da Rainha, na época), por um destacamento militar. Ouviram a explicação de que só prosseguiriam com destino a Fortaleza da Barra após cumprirem duas semanas de quarentena como prevenção contra a varíola, por determinação do Governador de Fortaleza da Barra, que estava assustado com os boatos da epidemia que grassava no Pará. Não conformados com a interrupção da viagem, alegando que não mantinham contato com populações ribeirinhas havia muito tempo, os naturalistas chegaram a um acordo com o sargento do destacamento. Seguiriam viagem com índios do destacamento, enquanto a tripulação e duas outras embarcações permaneceriam retidas para cumprir a quarentena. Ainda em Vila da Rainha, tiveram a oportunidade de conviver com os Tupinambarana, observando a sua pesca com o timbó (*Paullinia pinnata* L.). Depois de seguir viagem Martius esteve em comunidades dos índios Mura, que por aquela época formavam um contingente de 30 a 40 mil indivíduos espalhados pelo Solimões, Rio Negro e Amazonas, antes de abandonarem o Baixo Madeira, seu local de origem.

Seis dias depois de navegação a partir de Tupinambarana chegaram a Vila de Serpa (hoje Itacoatiara), em 12 de outubro, depois de uma viagem penosa feita a remo por falta de vento. Em 15 de outubro avistaram a foz do rio Madeira e no dia 22 navegaram sobre o encontro das águas brancas do Solimões com as águas negras do rio Negro, chegando pouco depois em Manaus, sob a algazarra da alegria dos índios.

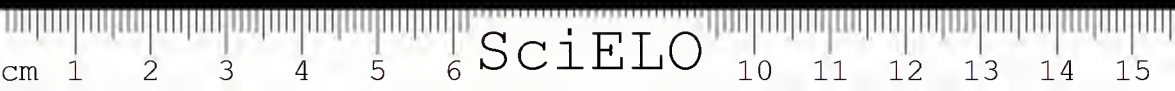
Martius registrou no seu diário de viagem o contentamento de aportar em Manaus, às margens do rio Negro, depois de uma longa viagem pelo Amazonas. A paisagem amena das matas mais homogêneas e a ausência dos carapanãs, que tanto aborreciam o botânico, melhoraram sensivelmente seu humor. Sobre a floresta perto de Manaus escreveu: *A floresta que perlonga aquelas margens já de longe se apresenta mais densa e regular, e, de perto, toda enfeitada com a maior variedade de magníficas flores, grandes e de lindas cores.* Dos índios da região, o naturalista ouviu muitas lendas sobre entidades malignas, inclusive a do curupira¹, que ainda é bem atual na Amazônia. Certa feita, perdido na selva dos arredores, em companhia de um índio, Martius errou durante horas sem encontrar o caminho. O camponês, apavorado, reafirmava que o lugar não era seguro, porque o curupira

¹ Segundo Osvaldo Orico (1975), em *Mitos ameríndios e crendices amazônicas*, o curupira é o duende mais famoso e endiabrado da floresta. Às vezes, é de boa índole, em outras é maligno, irascível e perigoso. Em geral é descrito como um menino de cabelos vermelhos, corpo peludo, pés virado para trás e privado de órgãos sexuais.



vagava por ali. Só a muito custo o homem foi acalmado, podendo ambos alcançar as margens de um rio. De Manaus, antiga Barra do Rio Negro, os naturalistas viajaram para a Vila de Ega, hoje conhecida como Tefé, naquela época habitada por apenas 600 pessoas. Fizeram inúmeras excursões aos arredores de Ega, observando as densas matas virgens e as populações de uma Mirtaceae, *Eugenia egensis*, chamada pelos índios de araçarana, que por estarem cobertas por flores alvas e perfumadas lembravam aos viajantes as fruteiras européias. Francamente empolgado com esta região registraram também a presença de troncos colossais de *Ficus*, *Lecythis*, *Bertholletia* e *Caryocar*; de cogumelos da família Agaricaceae e de animais como macacos, caícutis e coatis, além dos mutuns que voavam de galho em galho. Fizeram um registro interessante sobre uma plantação de ipadu (*Erythroxylum coca* Lam.), dos índios locais nas margens das roças. Os índios secavam as folhas à sombra ou próximo ao forno de fazer farinha, que depois eram socadas em pilão transformando-se num pó que depois era mastigado, para animá-los ou aplacar a sensação de fadiga e fome. Todo o processo usado na época está descrito detalhadamente pelos naturalistas no *Viagem pelo Brasil*, vol. 3. A percepção da riqueza natural daquela região, de rica flora, abundante fauna e farto material etnográfico, levou Martius e Spix a tomarem a decisão de se separarem temporariamente para um melhor aproveitamento das coletas. Spix dirigiu-se para o alto Solimões até a fronteira, enquanto Martius subiu o rio Japurá. Os dois cientistas já estavam com a saúde bastante abalada, principalmente Spix que tinha acessos constantes de febre, provocados por malária, que só eram aliviados com doses de quina ou clá da raiz de caferana (*Tachia guyanensis*). Para complicar a situação haviam notícias sobre febres degenerativas e riscos de cirroses no Japurá, que não desanimaram Martius. Sua esperança era localizar tipos diferentes de vegetação no Solimões e visitar algumas tribos indígenas que ainda não haviam sido contactadas. Martius partiu em 12 de dezembro, voltando a Maués só em 2 de março e à Barra do rio Negro em 11 do mesmo mês. Sete dias após a partida chegou a Santo Antônio do Maripí. A viagem foi difícil e os índios que acompanhavam o naturalistas desestimulavam o seu prosseguimento. A insatisfação era tão forte que Martius correu risco de vida. Certa feita, animado para caçar cobras, que eram abundantes na região, o botânico saiu com quatro índios em direção ao lago Cumapi. O índio que pilotava a canoa, em trama com os demais, alterou a direção do percurso, descendo o rio sem que Martius percebesse. No final da tarde foi alertado sobre o complô, por um índio fiel que o acompanhava desde o Pará. A intenção do grupo era eliminar Martius para roubar a canoa e fugir. Martius imobilizou o índio piloto e o ameaçou de morte com uma pistola, caso não retornasse ao ponto de origem. Intimidado, o indígena regressou com o grupo a salvo.

Prosseguindo viagem chegou à região das cachoeiras próximo à serra Cupati. As dificuldades naturais da região que um viajante tem que enfrentar impunham um grande esforço para deslocamento e arraste de canoas pelas margens. Por volta de 15 de janeiro, depois de alguns dias de repouso Martius prosseguiu penosamente a



viagem, até à região dos Miranhas. O naturalista tinha constantes acessos de febre quartã, combatidos com quina. Atribuía sua doença ao consumo da água morna e turva. Naquela época era desconhecido que a transmissão da malária se deve à picada do mosquito *Anopheles*, que inocula uma forma do parasita *Plasmodium* na corrente sanguínea.

Em 28 de janeiro Martius chegou ao limite da viagem, a cachoeira de Araraquara. A saúde precária, as dificuldades naturais da viagem e a solidão estavam se tornando um fardo muito pesado para o botânico. Sintetizando o sentimento daquele momento no *Viagem pelo Brasil* Martius escreveu: *Era este o ponto mais ocidental que eu podia estender a viagem. Enquanto me oprimia com todos os terrores de uma solidão destituída de seres humanos, sentia indizível saudade da companhia de homens da cara Europa civilizada. Pensei como toda a cultura e a salvação da humanidade tinha vindo do Oriente. Dolorosamente comparei aqueles países venturosos com este ermo pavoroso; entretanto, mesmo assim me felicitava por estar aqui, levantei mais um olhar para o céu, e volvi corajosamente o espírito e o coração para o Oriente amigo.*

A situação era tensa. Um soldado europeu que participava da viagem insuflava os índios a se rebelarem, para obrigar o botânico a regressar. Dizia que Martius pretendia ainda cruzar as cachoeiras para chegar até aos espanhóis. Martius desfez a armação deixando claro em reunião que o regresso a partir dali estava decidido. A febre o consumia e a quina que tomava, mesmo aliviando a malária, era um medicamento tóxico que também contribuía para o seu enfraquecimento, por isso sentia que suas forças estavam seriamente minadas. Iniciou a descida do rio em 31 de janeiro sob os brados de alegria dos índios. Na viagem de regresso, ainda povoada de problemas, chegaram na Barra do Rio Negro em 11 de março, onde Spix já aguardava Martius.

No Baixo Amazonas, entre Óbidos e Santarém, os naturalistas passariam mais um susto quando foram apanhados por um temporal no Estreito de Óbidos. A extensão deste acontecimento só seria entendida bem mais tarde, porque os bávaros não o detalharam muito no livro *Viagem pelo Brasil*, que conta o cotidiano da viagem. O médico César Augusto Marques que em 1856 desenvolvia atividades no Exército, na Província do Amazonas, quando reinava a primeira epidemia de cólera-morbus no Brasil, localizou acidentalmente na igreja Matriz de Santarém uma imagem do Cristo crucificado relegada ao abandono num canto da sacristia. Curioso, conseguiu localizar uma lâmina de ferro com a inscrição *O cavalleiro Carlos Fred. Phil. de Martius, membro da Academia Real das Sciencias de Munich, fazendo de 1817 a 1820, de ordem de Maximiliano José, rei da Baviera, uma viagem scientifica pelo Brasil, e tendo sido aos 18 de setembro de 1819 salvo pela misericórdia divina do furor das ondas do Amazonas junto à vila de Santarém, mandou, como monumento de sua pia gratidão ao Todo Poderoso, erigir este crucifixo n'esta igreja de Nossa Senhora da Conceição no anno de 1846.*





Figura 1. Crucifixo doado por Martius à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Santarém, Pará.



Figura 2. a. Estela de Martius no Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi. b. Crucifixo. c. Placa de ferro doada junto com o crucifixo à Igreja d Nossa Senhora da Conceição.

Só depois de 1856, quando o médico publicou um artigo no *Almanack de Lembranças*, em Lisboa, contando o lamentável abandono do crucifixo doado por Martius, é que foram tomadas providências para que fosse fixado num Calvário, onde se encontra até hoje. No dia 16 de abril, exaustos e com a saúde abalada, os naturalistas finalmente chegaram à Belém. Traziam mais de oitenta animais vivos, dos quais só cinquenta e sete chegaram a Munique, e centenas de plantas vivas.

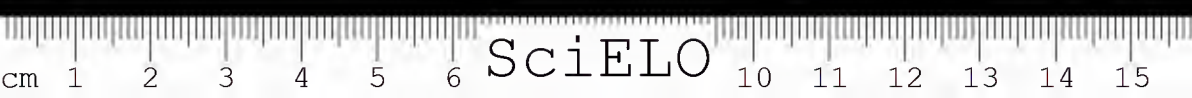
Depois de três anos de deslocamentos pelo interior do Brasil, Martius e Spix estavam eufóricos com a perspectiva da partida direta de Belém para a Europa. Se entregaram então à deliciosa tarefa de embalar coleções, que pelo seu volume eram motivo de admiração dos moradores de Belém. No dia 14 de junho partiram para o velho continente. A bordo da galera *Nova Amazonas*, ainda sofreriam as agruras do comportamento intempestivo do comandante da embarcação que os privava de água e de alimentos embarcados pelos naturalistas, além de tentar danificar as coleções feitas a custo de muito sacrifício.

No dia 21 de agosto, com indisfarçável emoção avistaram a costa do continente europeu. Em 10 de outubro, partindo de Lisboa, atravessaram o Tejo, para em 10 de dezembro de 1820, emocionados, chegarem à capital da Baviera.

O rico acervo resultante da expedição científica de Spix e Martius consiste de material mineralógico, e etnográfico, faunístico e florístico. Os materiais mineralógico e etnográfico estão depositados no Museu da Real Academia de Ciências de Munique. Os exemplares da fauna consistem de 85 espécimes de mamíferos, 350 aves, 130 de anfíbios, 116 de peixes. Dos 2.700 insetos coletados, 1.800 são coleópteros, 120 ortópteros, 30 neurópteros, 120 himenópteros, 120 lepidópteros, 250 hemípteros, 100 dípteros, além de 80 espécies de aracnídeos. Da flora foram coletados 6.500 espécimes, que originariam as obras de Martius, que ainda hoje são material de consulta obrigatório para quem se dedica à botânica brasileira, como a monumental *Flora Brasiliensis*, de inestimável valor científico e histórico. O livro *Reisen in Brasilien* (Viagem pelo Brasil) teve o primeiro volume publicado em 1823, saindo o último em 1831. Apesar de sua importância para um Brasil que desconhecia a sua vegetação, fauna e hábitos indígenas, a obra só viria a ser traduzida parcialmente para o Português em 1916, na parte chamada *Através da Bahia*.

Martius devotava especial atenção às palmeiras. Ao regressar do Brasil, dedicou-se a elaborar a monografia sobre estas plantas, recebendo a colaboração de outros botânicos. Entre 1823 e 1850 publicou os três volumes do *Historia Naturalis Palmarum*, enriquecida com 245 estampas. Foi por esta dedicação que Martius recebeu o apelido de *pai das palmeiras*. Neste mesmo período, iniciando em 1824, começa a publicar *Nova genera et Species Plantarum Brasiliensium*, onde são descritas mais de quatrocentas espécies e setenta gêneros novos.

Mas a obra que viria a imortalizá-lo em definitivo para a botânica brasileira, foi a conhecida *Flora Brasiliensis*, elaborada com a participação de diversos botânicos. Um dos aspectos singulares da personalidade de Martius era sem dúvida a sua capacidade de articulação para coordenar trabalhos integrados, de grande envergadu-



ra. A *Flora Brasiliensis* permanece como a única publicação com características monográficas sobre a botânica sistemática brasileira. Considerando-se a precariedade de comunicação da época, as limitações dos laboratórios, sua conclusão de fato representa uma conquista pessoal sem precedentes no mundo da Botânica. Hoje, com dezenas de sistematistas botânicos trabalhando no país, facilidades de obtenção de recursos, de comunicação e de intercâmbio, os botânicos brasileiros estão longe de conseguir idealizar a continuação da flora brasileira, dentro de um projeto global bem articulado e coordenado a nível nacional. Por dificuldade de encontrar um patrocinador desde 1830, só em 1840, contando com a colaboração do botânico austríaco Endlicher, Martius conseguiu a publicação do primeiro volume da *Flora*, sob os auspícios do Imperador Ferdinand, da Áustria e do rei Ludwig I, da Baviera. Preocupado em garantir recursos para a sua publicação completa, Martius dirigiu carta ao Imperador Pedro II, aqui no Brasil. Conhecido por seu interesse pela ciência, D. Pedro, a partir de 1850, anualmente enviava subvenções que auxiliaram a publicação dos demais volumes. Mesmo com o advento da República, o auxílio continuou a ser enviado até 1906, quando foi concluída a publicação. Em agradecimento Martius registra na obra as palavras *Sublevatum populi brasiliensis liberalitate* (Publicado graças à liberalidade do povo brasileiro).

Em 1855 já estavam publicados 15 volumes da *Flora*, tendo Martius contribuído como autor de duas monografias, sobre as Annonaceae e Agáveas. Em meio à coordenação do gigantesco projeto, o ilustre botânico pensou em desistir em alguns momentos, quando a sua saúde tornou-se precária ou em momentos em que era assaltado por crises de depressão. Em carta ao conselheiro Paulo Barbosa da Silva em 1863, um amigo do Brasil, retratou seu estado de espírito "...ainda alguns anos: depois dormirei no chão destas pacíficas montanhas". Em 13 de dezembro de 1868, aos 74 anos falece o botânico, vítima por uma pneumonia. Nesta ocasião haviam sido publicados 46 fascículos da *Flora*, contendo a descrição de mais de 10.000 espécies e mais de mil estampas. Segundo o professor Frederico Sommer, ao encerrar-se em 1906, a *Flora Brasiliensis* comportava 40 volumes, com 22.767 espécies descritas de plantas, num total de 20.733 páginas e 3.811 tábuas ilustrativas. Compartilharam da gigantesca obra 62 botânicos de várias nacionalidades (38 alemães, 7 austríacos, 5 suíços, 5 ingleses, 4 franceses, 1 húngaro, 2 dinamarqueses). Mais de 125 coletores de plantas brasileiras, de 14 países também contribuíram. A conclusão deste projeto mostra que com organização, determinação e espírito de colaboração é possível a concretização de obras ambiciosas.

Martius era um erudito. Como entendia de medicina, auxiliou pessoas no interior do Brasil; compunha música e poesia, daí tornar-se amigo do poeta alemão Goethe, que tornou-se um admirador do botânico, escrevendo inclusive avaliações sobre algumas obras de Martius, como *Genera et Species Plantarum*, reconhecendo elegância, vigor, nitidez e minúcias de detalhes nas estampas que ilustram a obra.

Publicou 59 trabalhos nas mais diferentes áreas, muitos deles de grande extensão como os três volumes do *Viagem pelo Brasil*, a obra sobre as Palmeiras e a *Flora*



Brasiliensis. Publicou sobre Botânica, Zoologia, além de obras sobre Etnologia e Lingüística, sobre História e sobre assuntos diversos como melodias indígenas, filosofia, poemas épico-dramáticos e orações acadêmicas, mostrando a sua versatilidade de homem culto e inteligente. Produziu inclusive um mapa fitogeográfico do Brasil, dividindo a vegetação nos grandes tipos que hoje conhecemos, dando-lhe nomes de deusas. Assim, a Amazônia é a Naiades, a caatinga a Hamadryades, o cerrado a Oreades e o sul a Napaeae.

Apaixonou-se pelo Brasil, que considerava a sua segunda pátria. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. O Instituto, por sua vez, não tem poupado homenagens ao naturalista ao longo da sua trajetória. Exposições e publicações, notadamente no início do século, registraram o reconhecimento a Martius. No centenário da sua chegada, o Instituto inaugurou uma exposição das obras em 16 de julho, sob a presidência do Conde de Alfonso Celso, presidente vitalício da casa. Martius, por sua vez, dedicou várias obras ao Instituto, entre elas um pequeno códice, contendo uma relação bibliográfica desde 1495, visando auxiliar a quem pretendesse escrever a história do Brasil. O botânico conquistou os brasileiros, não só por publicar um extraordinário acervo científico sobre o Brasil, mas por suas seguidas manifestações de apreço e admiração pelo Brasil, que considerava sua segunda pátria.

Em 1847 o Instituto outorga uma medalha de ouro a Martius, por seu trabalho Plano de se escrever a história antiga e moderna do Brasil, abrangendo as suas partes política, civil, eclesiástica e literária. Tanto escreveu e comentou sobre o país, que é inegável sua influência na emigração de alemães para o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAENA, A. L. M. 1839. *Compêndio das eras da Província do Pará*. (Republicado em 1969 na *Coleção Amazônica, série José Veríssimo*. Belém, Universidade Federal do Pará.)
- FERRI, M. G. s/d. A botânica no Brasil. p.149-200. In: Azevedo, F (ed.) *As ciências no Brasil*. v. 2, São Paulo, Melhoramentos.
- LEAL, A. 1979. *A igreja da Sé*. Conselho Federal de Cultura. 134p.
- MARQUES, C. A. 1888. O naufrágio de Martius no rio Amazonas. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.* 51(2): 73-77
- ORICO, O. 1975. *Mitos ameríndios e credences amazônicas*. São Paulo, Civilização Brasileira. (Coleção Retratos do Brasil, 93). p.73-79.
- PADBERG-DRENKPOHL, J. A. 1932. *Como Goethe apreciou as obras de Martius sobre o Brasil*. *Bol. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 8. (Tradução do último artigo dos "Fascículos morfológicos" de Goethe, v. 2, fascículo 2, 1824, "Goethes Naturwissenschaft. Schriften", ed. Rudolf Steiner, Stuttgart, Union)
- REIS, A. C. F. 1972. *Síntese de história do Pará*. Belém, Clube do Livro Amazônico. 153p.
- SAMPAIO, T. 1915. Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e o progresso da ethnographia indígena no Brasil. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.* 2: 545 - 594.
- SOMMER, F. 1953. A vida do botânico Martius. *Arq. Hist.* 12. São Paulo, Melhoramentos. 184p.
- SPIX, J. & MARTIUS, C. F. P. VON. 1976. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. 3 ed., São Paulo, Melhoramentos.

